

Officina de composição e impressão de MANUEL HOMEM DE C. CHRISTO R. DE S. MARTINHO Aveiro

# POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR Manuel Homem de C. Christo Redacção e administração R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMÁNARIO REPUBLICANO

Numero 437

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1200. Semestre 600 réis. Brazil e Africa, anno 2500. Semestre, 1250 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º Anno

## PATRIOTAS

A recepção feita ás tropas que regressaram d'Africa foi mais um codilho nos republicanos. Os republicanos esperavam que as tropas fossem recebidas friamente. Tinham isso como certo. Proclamavam-no. Gabavam-se. Senhores do seu povo, como sempre!

No dia da chegada dos expedicionarios, quinta-feira 12 do corrente, escrevia a *Lucta*:

«Chegam logo, d'aqui por algumas horas, e não será pequeno o seu espanto vendo que a multidão não accorre a gritar-lhes as boas vindas, como se ignorasse os seus triumphos, ou os tivesse em menos conta.

Bem diversamente seriam acolhidos em qualquer outra occasião, mas a hora é luctuosa; não se pôde mostrar um rosto prazenteiro quando se não tem alegre o coração.»

Era, pois, um caso certo. Estava João Franco no poder. Vigorava a dictadura. O povo protestava contra João Franco e contra a dictadura com o seu silencio.

Não succedeu, porém, o que a *Lucta* esperava. E a propria *Lucta* o confessava no dia immediato, sexta-feira, dizendo:

«Foi incontestavelmente impoente e entusiastica a recepção feita hontem aos expedicionarios que em terras d'Africa se cobriram de gloria. Milhares e milhares de pessoas aclamavam, nas ruas por onde elles passaram, os valentes marinheiros e soldados portuguezes, sendo extraordinariamente entusiasticas as saudações de que foi alvo o commandante Alves Roçadas.»

Um codilho. Uma decepção provada e confessada.

Applaudir as tropas entusiasticamente era, de certa forma, dar força a João Franco. E' a tropa o unico apoio do dictador. E' verdadeiramente uma dictadura militar a que vigora. Exaltar o militarismo, dar prestigio ao militarismo, era, incontestavelmente, fortalecer a dictadura. Mas quem teve a culpa d'esse codilho, senão os republicanos? Quem, senão elles, provocaram essa decepção?

Se não houvessem feito da força um culto, se não houvessem zombado a toda a hora dos *immortales principios*, dos quaes só falam com ironia ou com desdem, se as generosas tentativas e esforços dos inimigos da guerra não lhes servissem de thema, a toda a hora, para a chalaça, é possível que o povo de Lisboa não desse o espectáculo triste de protestar contra a força que lhes tira a liberdade e a honra ao mesmo tempo que aclamava a força, a mesma força que o não deixa readquirir essa honra e essa liberdade perdida.

Se é legitimo e glorioso usar da força contra os pretos d'Africa porque não ha de ser legitimo e glorioso usar da força contra os pretos de Portugal? Se é legitimo e glorioso attentar contra a independencia de qualquer agrupamento africano, porque não ha de ser legitimo e glorioso que a Hespanha, por exemplo, attente contra a independencia de Portugal?

O povo, justificando as guerras africanas, justificou todas as guerras, todas as violencias, todos os actos de força. O criterio que guiou os chefes militares na campanha contra os cuamatas é o criterio que os guia na campanha contra as liberdades dos habitantes do continente portuguez. E' o criterio com que João Franco pratica todas as suas violencias. E' o criterio com que a Inglaterra e a Alemanha nos teem roubado as nossas colonias. E' o criterio com que a Hespanha já conquistou e pôde de novo conquistar este paiz.

Segundo a narração d'um heroe, feita ás *Novidades*, os pretos approximavam-se, de noite, do quadrado portuguez, elevavam a voz e diziam:

«Que veem vocês cá fazer? A terra é nossa; vão se embora. Vocês passaram o rio e fizeram sua casa na margem. Nós viemo-nos embora. Vocês agora veem aqui, fazem nova casa no interior da nossa terra e veem incommodar-nos. Então nós já não podemos estar socegados em nossas casas? O governo não gasta nada conosco, nem nos dá fatos, nem comida, nem ordenados. Nós somos independentes, a terra é nossa, vão-se embora!»

Nada mais verdadeiro, mais justo, mais eloquente, mais suggestivo. Palavras identicas temos nós dicto á Inglaterra, á Hespanha, aos dictadores de todas as ordens, aos reis absolutos. Com que direito queremos ser ouvidos por elles, se não ouvimos os pretos que nos falam com igual justiça? Se, não contentes com isso, ainda consideramos a maior gloria d'esta terra attentar contra a independencia e a liberdade dos mais fracos, e ainda consideramos os maiores heroes, os maiores benemeritos, os maiores patriotas aquelles que se fazem instrumentos d'essa gloria?

Não dizemos que se deixassem, que se deixem perder as colonias, uma vez que a sua conquista era de ha seculos um facto consummado. Mas o que queremos e o que queremos é que ellas fossem e sejam conservadas pela pratica da justiça, pelo exercicio do direito, porque então se-lo-hiam por vontade dos proprios naturaes. O que queremos e o que queremos, o que ha muitos annos advogamos n'este jornal, é que o preto fosse e seja civilisado e domado por um trato humano e não por um trato selvagem. Todos os exploradores, todos esses mesmos officiaes militares que vão á Africa são unanimes, como já o temos dicto, em declarar que o preto tem noção de justiça e acata, como poucos, a justiça. Todos os exploradores, todos os officiaes, todos os funcionarios de Africa, os mesmos que commettem as torpezas que referem, são unanimes em dizer que o preto é victima das maiores expoliações e iniquidades e que é por essas expoliações e iniquidades que se revolta. Ora sendo assim, como é, o verdadeiro patriotismo não seria e não é acclamar doidamente os que dão bordoadas nos pretos. O verdadeiro patriotismo seria forçar

os governos e as auctoridades a evitar essas guerras, essas revoltas, esses heroes, sempre prejudiciaes, por um trato humano, justo, equitativo com os pretos. Comprehendemos, admittimos, queremos, uma patria progressiva, civilisadora, a que presida a liberdade e o direito. Mas nem pelo coração nem pela razão accetamos uma patria que seja a negação d'essa liberdade e d'esse direito, uma patria de filhos legitimos e de filhos bastardos, de paes e padrastrós, d'exploradores e explorados, de privilegiados e desherdados.

Não dizemos—e já temos affirmado o mesmo muitas vezes—que não haja valor em arrostar os perigos d'uma campanha africana. Ha, sem duvida. Mas, na escala do valor, esse é o mais vulgar, esse é o menor de todos. Mas, em qualquer caso,—tambem o andamos a dizer ha muitos annos—não é d'esse valor que n'esta terra mais se necessita. Maior valor é arrostar o preconceito, a rotina, a iniquidade, o privilegio, o interesse illicito, o despotismo, na defeza do direito, da liberdade, da verdade. Esse é que é o grande valor, essa é que é a grande coragem, a grande valentia. Valor, coragem, valentia em que se jogam commodidades, interesses, liberdades e a vida, porque casos ha em que se tem de lutar com as armas na mão em defeza do direito, e não já contra pretos mas contra esses que vão vencer os pretos. Valor, coragem, valentia que pôde levar á fome, á cadeia, ao hospital e á força. Muitas vezes lá tem levado pobres e ricos, intelligencias aureoladas e intelligencias ignoradas, nobres e plebeus, poderosos e humildes.

D'esse valor, do valor annexo de instruir, de civilisar, d'educar, de arrancar o povo com amor á sua miseria physica, moral e intellectual, é que se precisa n'esta terra. Não é do valor d'arranjar heroes para officiaes ás ordens e ajudantes de campo de sua magestade. Heroes feitos pelos brancos por elles empregarem as suas armas contra os pretos e para... depois de consagrados pelos brancos... voltarem contra os brancos as armas que os brancos pacoviamente aureolaram por se terem voltado contra os pretos.

Era preciso dizer isto, e diz-lo muita vez, pois era uma obra de verdade, de justiça, de civismo, de grande educação nacional e democratica. Mas quem o ha de dizer? Os monarchicos? Não o sabem pensar, se o soubessem pensar não o saberiam dizer, se o soubessem pensar e o soubessem dizer não o diriam. Os republicanos? Mas em que se teem distinguido até hoje os republicanos dos monarchicos, a mais do que dizerem-se republicanos em vez de se dizerem monarchicos?

Toda a obra dos republicanos tem sido uma obra reaccionaria. Uma obra de bestialidade. Uma obra estúpida.

Não vimos nós Camacho, que passa por ser dos mais illustres pelo character e pela intelligencia, insultar ha dias um homem—elle que se gaba de usar luva branca, embora a luva branca esteja n'elle em perfeita desharmonia com o chapéo de palha ou o chapéo de côco, para deixarmos em paz as calças e o casaco—não vimos nós Camacho, o homem da luva branca, insultar ha dias no seu jornal

um estrangeiro, só porque esse estrangeiro é inimigo encarnizado do militarismo?

Insulto que denunciava odio! E odio que deixava bem patente a sua origem! Odio de reaccionario!

Não temos visto a *Lucta* dedicar columnas de typo miúdo, de typo compacto, a todas as conferencias sobre militarismo, quando só dedica meia columna á apreciação das conferencias democraticas, quando só tem palavras de troça, ironia ou desdem para as mais generosas iniciativas, para os actos mais louvaveis da democracia no mundo?

Artigos, artigos successivos, e publicados no chamado logar de honra, tem a *Lucta* dedicado a um livro do sr. Ferreira do Amaral sobre militarismo, livro banal como todos os que no genero se publicam entre nós. A grande reforma a fazer no exercito não está em lhe dar navios, espingardas ou canhões. Está em lhe alterar profundamente o detestavel espirito que o aniquila. Ora d'esse espirito detestavel acaba de dar provas o mesmo sr. Ferreira do Amaral, levando á demissão um dos mais illustres officiaes da nossa marinha de guerra. O patriota que, com o applauso da *Lucta*, á qual passou despercebido o acto que o seu homem praticou, quer o resurgimento do exercito e da armada portugueza!

Foi um grande codilho, a recepção feita em Lisboa aos expedicionarios. Foi mais uma decepção para os republicanos. Mas d'elles, e só d'elles, é a culpa, pela sua propaganda estupidamente, bestialmente monarchica, estupidamente, bestialmente reaccionaria.

Por onde mais uma vez se provou que não basta adoptar a etiqueta republicana para se ficar sendo democrata.

E' quem quer republicano. Mas não é quem quer democrata. Qualquer besta pôde ser republicano. Para ser democrata é preciso coragem e intelligencia, e coração e intelligencia educada.

Ora porque ha muita falta d'isto n'esta terra é que rareiam tanto os que professam com consciencia e amor os principios democraticos. E porque elles rareiam... tem tanta força o João Franco e tanto descanço sua magestade!

## EXPEDIENTE

Na nossa ultima cobrança, vieram devolvidos alguns recibos com a nota, escripta pelos empregados do correio, de que estavam ausentes os destinatarios, de que não foram encontrados ou de que, avisados, não pagaram. Novamente os vamos remetter, pedindo aos nossos assignantes a quem elles são dirigidos o favor de nos attenderem agora, para evitarmos irregularidades e atrasos.

## Exportação de sal

Regula por 2:500 os wagons de sal expedidos todos os annos pela via ferrea, procedentes d'esta cidade.

Só n'isto tem a Companhia um rendimento de trinta e tantos contos annuaes.

## VELHAS OPINIÕES

O que escreviamos no "Povo de Aveiro,, nos primeiros annos da sua existencia e o que escrevemos hoje

Sob o titulo NÃO É MENTIRA, É SOPHISMA, escreviamos aqui em 15 de março de 1885:

A queda do jornal a *Era Nova*, e a questão que se levanta entre o sr. Silva Lisboa e os directores da empresa *Publicidade Democratica*, são um novo ensinamento áquelles republicanos que persistem no intento nefasto de seguir ás escuras os chefes do partido, desprezando as idéas para fazer a apothese das individualidades; são a demonstração cathorica das affirmações que o *Povo de Aveiro* vem fazendo ha dois annos para cá; são a continuação das nossas propheticas sobre a marcha do partido; são a ultima prova de que o agrupamento republicano estacionará em Portugal, se a massa quanto antes não pôzer um dique ás ambições, aos despeitos e ás nullidades que se degladiam no seu seio.

Porque morreu a *Era Nova*? Foi por falta de recursos? Caso singular! Todo o mundo sabe que é republicana a grande maioria de Lisboa. Entretanto, ao passo que a capital do paiz dá vida desafogada e livre a uns poucos de jornaes monarchicos, só deixa viver sem obstaculos um unico jornal republicano, e esse mesmo sem excessos de receita e com uma despesa reduzida, que é o *Seculo*. Logo, é manifesta e clara a dissidencia entre o espirito republicano de Lisboa e os seus representantes na imprensa. Logo, os jornaes republicanos são mal feitos, mal dirigidos, mal interpretados e estão longe, bem longe, de corresponder ás aspirações democraticas do paiz.

A *Era Nova* morreu, sem duvida, porque não tinha uma extracção de tal ordem que podesse resistir a leves erros de administração, se esses erros existiam. Porem se se tivessem agglomerado em volta d'ella algumas vontades decididas e energicas, poderia viver, porque assim teem vivido quasi todos os periodicos republicanos do paiz. Ora foi exactamente o que lhe faltou, como se vê do supplemento assignado pelo sr. Ferreira de Miranda. Mais; não só faltou á *Era Nova* a dedicacão valente de uma duzia de homens, como sobejaram as dissidencias e as intrigas no seio da empresa, dissidencias e intrigas que foram a causa principal da queda d'aquelle jornal, segundo o entender do sr. Ferreira de Miranda. E eis onde está a gravidade do caso. Sim, o mal, o grande mal, consiste precisamente n'essas intrigas, n'essas calumnias, que a *coterie* dos chefes republicanos vae erguer e propagar em toda a parte. Louvado seja Deus, que sequer ao menos muitos se vão convencendo d'isso!

Porque se retiraram, e retiram, quasi á vida privada, alguns dos homens mais valiosos do partido, que militavam na vanguarda? Porque morreu o *Diario da Tarde*? Porque mor-

reu o Antonio Maria? Porque morreu a Era Nova? Porque estaciona a tiragem d'algum outro, como estacionou a tiragem da Nação? Porque a uns, invade-os o tédio; a outros cansa-os e aborrece-os a calunnia e a intriga; áquelles falta-lhes a identificação com o espirito publico.

Os do Seculo não podiam ver os da Era Nova; os da Era Nova não podiam ver os do Seculo. Os sebastianistas, ou limistas, não toleram os lisboas nem os garciistas; os garciistas e os lisboas odeiam os sebastianistas, e todos juntos odeiam quem lhes diz as verdades. Garciistas e lisboas vociferam que o sr. Magalhães Lima tem medo da cadeia; sebastianistas vociferam que o sr. Lisboa só foi para o Limoeiro por réclame. Garciistas, lisboas e arriaguistas atiram-se ao sr. Magalhães Lima por elle tomar como patrono o sr. Dias Ferreira; em compensação, o proprio chefe dos sebastianistas chama aos outros vaidosos e torpes no seu jornal. Depois, aparentemente, elogiam-se e corôam-se de louros! Vaidosos, ambiciosos, não se toleram uns aos outros; fracos e nullos approximam-se uns dos outros porque não se governam sós!

Eis a unica causa do mal estar profundo do partido republicano, causa que não temos deixado de apontar.

A nossa conducta tem sido singular no gremio democratico. Um dia seguimos os chefes, quando não os conheciamos. Discordámos desde logo da sua conducta e dissémos-l'ho. Ouviram-nos, mas não nos attenderam. Insistimos. Debalde! Então, sem a menor sombra de despeito, porque nunca elles nos faltaram, enquanto estavam com elles, com todas as suas considerações e amabilidades, preferimos seguir um caminho opposto áquelle que muitos seguiam. Muitos conheciam-lhe os erros, mas calavam-se; nós entendemos que o silencio não fazia senão protrahir o mal estar do partido republicano, e resolvémos falar claro, dizer a verdade, para que a massa anonyma, elucidada, podesse seguir o verdadeiro caminho. Por fim, não é a massa que os mata; são elles que se matam! O partido illustra-se e cresce; elles não pôdem com o partido illustrado e grande!

Temos persistido em crêr que a nossa conducta era altamente beneficiosa á causa democratica, e que salvava toda a nossa responsabilidade. Ahi estão provadas muitissimas das nossas accusações, confirmadas muitissimas das nossas previsões!

Pouco mais temos que accrescentar. Nesta parte a nossa missão está quasi cumprida. O que desejámos vivamente, o que mais anhelámos é que o partido republicano se não deixe vencer pelo desalento e saiba passar de frente erguida por cima de todos os tropeços. D'essa forma, nenhum dos chamados dissidentes deixará de o acompanhar, lutando com valor e arrostando o perigo na luta pacifica, na luta da barricada, ou no proprio cadafalso onde iremos parar segundo a opinião grandiloqua do Jaquima. Se os chefes são todos, sem excepção, ou imbecis ou ambiciosos, dê-se-lhe um pontapé e ávante.

O sr. Ferreira de Miranda receia convencer-se de que o partido republicano seja em Portugal uma mentira. Não é mentira, mas no seu estado actual é um sophisma, é uma burla!

### Caminho de ferro do Valle do Vouga

Já se encontram em Espinho, com suas familias, diversos francezes, desenhadores, conductores, chefes de brigadas, mestres d'obras e constructores, que por estes dias entram no exercicio das suas funções nos trabalhos da construção do caminho de ferro do Valle do Vouga, para o qual chegou já do estrangeiro muito material que foi enviado para aquella praia.

### Sal fino

E' o das nossas marinhas e vende-se actualmente a 20\$000 reis o wagon, posto na estação do caminho de ferro d'esta cidade, com 10:000 kilos de peso.

## Cartas de Lisboa

20 DE DEZEMBRO.

Ao mesmo tempo que o partido republicano provocava, por todas as formas, a reacção, attrahia sobre o paiz, por todas as formas, a dictadura, ao mesmo tempo que empurrava insistentemente João Franco e o throno para o despotismo, ao mesmo tempo que creava, d'esse modo, sem ter plano revolucionario, nem meios de executar esse plano ainda que o tivesse, uma situação da qual só poderia sahir airosoamente pela revolução, pela revolução com que ameaçava a toda a hora, pela revolução que, a todos os instantes, prometia com segurança e entono, como se a trouxesse na barriga, ao mesmo tempo que toda a actividade republicana se limitava a apoteoses vergonhosas, ou pelo excesso de ridiculo com que eram projectadas e executadas, ou pelo infundado dos motivos, ou pelos processos de sabujismo, de baixesa, de degradação, de idolatria monarchica que revisitiam, indignos dos proprios servidores do throno quanto mais dos que se diziam servidores da democracia, ou, ainda, não só pela falta de titulos a consagrações da maioria d'aquelles a quem ellas se dirigiam como pela desqualificação intellectual e moral d'alguns d'elles, ao mesmo tempo que o partido republicano, mal sahido dos longos dias de desgraça, que se succederam ao 31 de Janeiro, se dividia em coteries rivais, baixamente, ignominiosamente rivais, odiando-se, dilacerando-se com raiva, embora sob uma falsa, uma hypocrita apparencia d'união, coteries que, como verdadeiras coteries, só procuravam dominar umas sobre as outras no animo popular á custa dos mais irregulares, dos mais venenosos, dos mais vis expedientes, creando synagogas, que não eram outra coisa os centros republicanos—um a cada canto—synagogas que, no seu rigoroso papel de synagogas, eram fabricas de dogmas, de mysterios, de santos, de festas religiosas, em que os principios democraticos eram rebaixados, espinhados, prostituidos, e prostituidos escandalosamente, synagogas que, alem de fabricas de dogmas, de mysterios, de santos, de festas religiosas, eram tambem, ainda no seu rigoroso papel de synagogas, fabricas de malinasções, de calumnias, de intrigas, occupação necessaria, e como o tal o foi em todas as religiões e em todos os tempos, de padres, frades, freiras, sachristães, enxota cães, devotos, devotas, irmãos e irmãs de confrarias, emfim, da magna catterva dos profissionais e amantes do divino, desde o mais alto até ao mais baixo, fóra do tempo concedido ás thuribulações, ás genuflexões, ás orações, ás rezas, e até n'esse, porque a maior parte das vezes só o gesto vae para Deus, só na fórmula externa está o amor de Deus, pertencendo sempre o coração ao Diabo e estando sempre o pensamento no inferno, ao mesmo tempo que o partido republicano se illustrava com tudo isso, ao mesmo tempo que se manifestava por essa fórmula tão asnativa, ao mesmo tempo que consumia assim toda a sua actividade, nunca soube compensar até certo ponto esses erros, resgatar de certa fórmula esses crimes com um sério trabalho democratico no parlamento ou na imprensa.

Podia a imprensa, independente das suas erradas ou criminosas provocações á reacção, á dictadura, á tyrannia, n'um paiz tão falto de educação, e, por isso, tão necessitado de tolerancia e liberdade, porque só com tolerancia e liberdade se pôde fazer educação, podia a imprensa, áparte as suas provocações e incitações asnativas, áparte a sua isca aos dez reisinhos do leitor estúpido, que não dispensa a phrase bombastica da indignação e da revolução, tratar com acerto e cultura os problemas sociaes e contrariar a sério varios tramas que se iam desenrolando e que por de-

mais deixavam transparecer propósitos liberticidas. Podia o deputado, áparte a rhetorica que julgava necessaria á galeria, agitar na camara as questões capitais da administração sob o criterio da demeracia. Assim illustrariam o partido. Assim provariam que se o partido republicano não tinha politicos, homens com tacto para se aproveitarem, n'um golpe de mão, das circumstancias em favor da sua causa e do paiz, tinha ao menos notaveis jornalistas, notaveis oradores, notaveis parlamentares, notaveis publicistas. Nada! Absolutamente nada! O partido republicano só provou incapacidade! Só deu provas da mais completa esterilidade!

A cada passo lhe ouvia toda a gente exaltar os seus grandes jornalistas e os seus grandes oradores. Mas era a obra detestavel do elogio mutuo, o vicio monarchico, o estigma da decadencia. Vicio monarchico que, como todos os outros, os republicanos servilmente copiam. Era uma vergonha, esse elogio mutuo, a que vinhamos assistindo de longa data. N'um paiz em pleno naufragio, n'um paiz em verdadeira fallencia moral e mental, não havia estreia parlamentar que não revelasse um grande orador. Não havia sacripanta entrado nos conselhos da corôa que não fosse um grande estadista. Não havia jornalista que manejasse com certo geito a rhetorica que não fosse um grande jornalista. O partido republicano, em vez de corrigir esse vicio, profundou-o. Em vez de pôr termo a essa vergonha, ainda a tornou mais saliente. A adjectivação attingiu nos republicanos proporções que chegaram a causar riso aos proprios monarchicos.

E para quê?

Não ha duvida que João Chagas, José Caldas e Brito Camacho manejavam melhor a penna, e manejam, que os homens da imprensa monarchica. Mas um dos grandes males d'este paiz é collocar os homens, como, de resto, tudo o mais, fóra do seu lugar. Um dos grandes males será tambem, agora, rhetorica da nossa parte. Porque, afinal, esse mal é o mal inherente a todas as casas, a todos os povos, sem ordem, sem methodo, sem governo. Sem governo proprio, aquelle que vem da nossa razão. Não nos queremos agora referir ao governo do Estado.

João Chagas, José Caldas, Brito Camacho eram e são homens de letras, com as qualidades e os vicios d'esses temperamentos e... d'essa classe. Nunca podiam dar bons jornalistas, porque é outra a aptidão, a facultade e o objectivo do jornalista. João Chagas, jornalista, havia de sahir o que sahi: homem de phantasias, homem de paradoxos, com o prurido da phrase e pela phrase capaz de todas as asneiras. O mesmo, José Caldas. O mesmo, Brito Camacho. Brito Camacho havia de trocar dos immortales principios, de todas as aspirações da democracia universal. José Caldas havia d'affirmar que não valia a pena instruir o povo. João Chagas havia de justificar o beija mão do presidente na festa da Estrella. Nenhum d'esses homens podia ter uma solida orientação democratica, nem methodo, nem persistencia nas idéas, porque raramente a teem os litteratos em qualquer parte do mundo. Esses homens, arvorados em mentores politicos do povo haviam de ser, como foram, detestaveis.

Affonso Costa, proclamado grande parlamentar, não era grande nem pequeno parlamentar. Era homem do fóro, portanto um rabula, a empregar no parlamento os seus trucos e mais artes judicias. Só á força d'um immoralissimo reclame esse homem podia chegar a grande orador e a grande parlamentar.

Não havia na imprensa jornalista republicano que podesse tratar com profundesa e elevação, sob o ponto de vista democratico, e até não democratico, os grandes problemas nacionaes. E não o havia na camara. O unico que tinha

cultura era João de Menezes. Mas faltava-lhe a iniciativa, o arrojo, e o brilhantismo da idéa. Fazia ás questões como á carta do rei. Andava com ellas no bolso... até deixar passar a occasião de as mostrar. Depois, com o preconceito tacanho da *seriedade burgueza* e com toda a covardia civica d'este meio depravado. Incapaz d'aventurar uma palavra mal soante á burguezia, de praticar um acto mal visto pelo logista da baixa, ou de arriscar a popularidade da galeria em fazer, contra os preconceitos ou os vicios d'essa galeria, uma affirmação de justiça e de verdade. Esse homem, que tinha *boa piada* e espirito vivo como rapaz, tem conseguido, á força de vontade, tornar-se o que elle julga um facto necessario á sua elevação no conceito publico, isto é, um homem d'ordem, um homem grave, um *homem sensato*, que o bom instincto popular classificou ha muito n'uma palavra só: *bacoco*.

Toda a obra dos republicanos, n'este periodo de resurgimento depois do longo somno do 31 de Janeiro, tem sido, como anteriormente, como sempre, uma obra d'esterilidade.

Grandes homens! Onde estão os grandes homens n'esta terra? Nem homens regulares. E' tudo uma pavorosa mediocridade.

Para se vêr a assustadora inferioridade dos republicanos basta dizer-se que o seu unico objectivo, o seu unico sonho, a sua idéa fixa constante tem sido a revolução. Mas a revolução de caserna, a revolução dos pronunciamentos. De fórmula alguma a revolução das idéas, dos processos, dos costumes nacionaes.

A revolução que dá a posse do poder immediata! O feroz egoismo dos monarchicos!

O que assombra e enoja nos monarchicos é a sua pelintrice o seu *videirismo* ignobil. Em setenta annos de constitucionalismo nunca ergueram a vista alto. Como o porco, limitaram todo o seu engenho e toda a sua actividade a procurar com a tromba o alimento. Não ha n'elles uma ohada larga para o futuro, uma obra de rasgo ou de solidariedade. Videirinhos, a governar a vida se teem, como o porco, limitado.

Ainda ahi, como em tudo, os republicanos lhe teem seguido as pisadas. Porque outro facto curioso, outra licção interessante de psychologia nacional, é essa dos republicanos viverem n'uma copula indigna com os monarchicos, copula de que teem sahido, da unha dos pés á ponta dos cabellos *avariados*, mas apregoando sempre, no entanto, *intransigencia e pureza*. Não querem nada com os monarchicos! Mas dos monarchicos receberam o virus peçonhento que os mata! Receberam e recebem. Porque o seu afastamento está na lingua, se é que n'essa copula indecente a propria lingua não trabalha.

Os monarchicos nunca pensaram no paiz. Nunca se importaram com o povo e com as reformas sociaes. Tudo se tem, para elles, circumscripto, tudo se circumscreve ao goso do poder.

Os republicanos seguiram-lhe, ahi como em tudo, repetimos, as pisadas. Nada de iniciativas! Nada de propaganda de principios! Tudo ficará para quando... a Republica vier. Agora... a revolução, a revolução através de tudo, a revolução custa o que custar. Tem sido a sua absecção constante. Com que teem destruido todos os seus directorios. Com que teem inutilizado todos os seus homens. Com que teem demonstrado, alem d'um feroz egoismo, uma myopia deploravel.

Mas esta vae longa. E, portanto, ficará esse assumpto para a proxima semana.

C.

### Artigos photographicos,

POR PREÇOS MODICOS,

Vendem-os Felix, Filhos

AVEIRO

Sob o titulo *O Duello* dizia bella da *Lucta* na quinta-feira passada:

«Na Italia formou-se uma liga contra o duello. O rei fez-se inscrever como membro da liga, á qual prometeu a sua devotada protecção. Creemos bem que os nossos leitores não ficariam espantados, se amanhã lhes dissessemos que o presidente da liga se tinha batido á pistola ou no floret por qualquer questão de *lana caprina*».

Singular maneira que tem este homem de ser *democrata*! Toda a gente que tem uma *boa intenção* acredita nas *boas intenções* dos outros. Toda a gente, por um elementar principio de moral, estimula os outros á pratica de virtude ainda mesmo quando não pratique ou quando se sint incapaz de a praticar. Toda a gente procura, ainda como principio de moral, fazer acreditar nas tentativas a favor do aperfeiçoamento individual ou social.

Camacho, não. Camacho sempre tem boas palavras para as obras reaccionarias. Camacho nunca acredita no que é bom. Camacho só acredita no que é mau. Camacho nunca tem uma palavra de confiança, de crença, de optimismo para as tentativas democraticas. Sempre a desconfiança, a descrença, o pessimismo. Nunca uma palavra quente que anime. Sempre a laracha que desanime. Nunca uma incitação a marchar. Sempre uma incitação que faça recuar.

Tratando-se da guerra, é claro que a boa propaganda democratica consistirá em registrar e applaudir todos os esforços feitos no sentido da extincção da guerra. Consistirá em fazer crer que o termo da guerra é possível e não em fazer crer o contrario. Se ninguem acreditar na extincção da guerra, evidentemente ninguem fará por extinguir a guerra.

Tratando-se do duello, é claro que a boa propaganda democratica consistirá em fazer ver todos os absurdos do duello. Em tornar conhecidos todos os trabalhos que no mundo tenderem a demonstrar esse absurdo e acabar com elle. Se nos rirmos da possibilidade de poder acabar o duello, se zombarmos dos esforços feitos no sentido de pôr termo ao duello, se duvidarmos das intenções de todos aquelles que digam propor-se a combater o duello, é evidente que não fazemos propaganda contra o duello mas a favor do duello.

Tratando-se da mulher, é claro que a boa propaganda democratica consistirá em dar á mulher a liberdade que lhe pertence. Se a mulher, mal orientada, mal educada, quer descambar em usar calças e em fazer vestes saias aos homens, lembramos-lhe que as calças nos pertencem a nós e as saias lhe pertencem a ella. Se quer mesmo a liberdade de estroinar, de vadiar, lembramos-lhe que essa liberdade não pertencendo aos homens, não sendo digna nem licita nos homens, não pôde ser digna nem licita nas mulheres. Mas d'ahi até a querer escravizada, como ainda está, até se lhe negarem todos os

MENDIGOS

*Infelizes que andais de porta em porta,  
Faltos de amor, faltos de carinhos,  
Tendo por lar as pedras dos caminhos  
E por fortuna uma esperanza morta.*

*Vosso corpo cançado mal supporta  
Da negra vida tão cruceis espinhos.  
Não sabeis revoltar-vos, pobresinhos,  
Que a existencia já vos não importa.*

*Supplicas, esmolaes algum dinheiro,  
Um sobejo qualquer, um simples ôso  
Descarnado e indigno d'um rafeiro.*

*Mas calai-vos de vez, que eu já não posso  
Olhar-vos nesse transe derradeiro,  
A mendigar o pão... o pão que é vosso!...*

BENTO FARIA.

NATAL DOS POBRES

Bôdo promovido pela Sociedade de Recreio Artístico para o dia 25:

Transporte.....	13\$400
D. Candida Paixão.....	100
Joaquim Ferreira Martins....	500
Antonio Maria Ferreira (Lisboa).....	1\$500
Luiz de Mello Guimarães....	500
Padre João Ferreira Leitão....	500
João Pereira Grijó.....	500
José Pinheiro Paupista.....	200
Manuel Tavares Barbosa....	200
Manuel Simões Maio.....	500
Albano da Costa Pereira....	500
Dr. José Libertador Ferraz Azevedo.....	1\$000
Dr. José Rodrigues Soares....	1\$000
Francisco Pinto d'Almeida....	500
Uma senhora piedosa.....	1\$000
José Maria da Costa Junior....	500
José Reynaldo.....	300
Dr. Antonio Carlos S. M. Guimarães.....	500
Ernesto Levy.....	200
D. Georgina Mello.....	300
Padre Egas Silva.....	400
José Antonio Marques.....	200
João Ferreira Felix.....	200
Conselheiro José Ferreira da Cunha e Souza.....	1\$000
João Neves d'Oliveira.....	1\$000
Henrique Cruz.....	500
Manuel da Rocha.....	500
Antonio Ferreira Felix.....	500
A. M. S.....	200
Manuel Fernandes Vieira....	500
D. Rosalina A. da Costa Azevedo.....	500
Somma réis.....	20\$200

(Continua.)

NOTICIAS DO EXTRANGEIRO

O professor Paquet, de Vienna d'Austria, descobriu um sôro contra a tuberculose, que se diz ser infallivel. O professor Feer, de Heidelberg, declara tel-o adoptado com exito na sua clinica.

Os jornaes de Londres inserem pormenores horriveis do supplicio de milhares de politicos prisioneiros na Siberia.

Telegrapham de New-York ao *Matin*, que acaba de se dar pelo desaparecimento do plano de mobilisação geral—interna e externa—do exercito americano.

O dentista japonês tira os dentes do proximo com os dedos, sem concurso de nenhum instrumento.

Agarra a cabeça do paciente pelo angulo maxilar, de modo que a bocca seja forçada a ficar aberta, depois, mergulhando o polegar e o index da outra mão, arranca no espaço de um minuto, cinco, seis e sete dentes, sem que a victima possa fechar a bocca uma só vez que fôsse.

O caso pareceu menos inverosimil, quando se souber como se faz a educação d'um dentista japonês.

N'uma prancha de madeira tenra são fexadas as cavilhas. A prancha é collocada no chão.

O aprendiz deve, com o polegar e o index da mão direita, agarrar e arrancar as cavilhas, uma após outra, sem que a prancha se mova.

O exercicio repete-se muitas vezes, com diversas madeiras, de mais em mais rijas.

Quando triumpho da ultima prova, está mestre.

OPINIÕES  
UM CANCRO SOCIAL

Dia a dia a humanidade avança; e embora a sua marcha seja lenta e demorada, nem por isso se pôde dizer que deixa de marchar. As grandes conquistas sociaes, tendo em vista contribuir tanto quanto possível para o auge da perfectibilidade humana, não se podem realizar a galope mas sim demorada e conscientemente.

Quer no campo scientifico, quer no campo social, onde novas descobertas se operam e erradas theorias são postas de parte, a sua marcha tem sido embora lenta todavia satisfatoria, o que prova perfeitamente que ella vae evoluindo dia a dia.

Erro crasso será querer provar o contrario; isso só o poderão fazer as intelligencias mesquinhas, os individuos que, alheios á evolução que a humanidade tem feito, estão impregnados d'um pessimismo feroz. Andar para traz só é proprio dos caranguejos; e como a humanidade não é um caranguejo, ella tem incontestavelmente de avançar, isto é, de progredir.

Entretanto no seu caminho, grandes e innumeraveis obstaculos, inexpugnaveis fortalezas formando como que um enorme dique, impedem a cada momento que o seu avanço seja tão grandioso como era util, tão rapido como era necessario; destruir tudo quanto impeça a sua marcha, é a primeira e a maior missão a que ella se deve entregar.

Entre esse grandioso numero de obstaculos que tantos e innumeraveis males nos originam, apparece-nos todavia um que, pela sua importancia e natureza, sobressae d'entre todos os outros: —é a actual educação. Mas quando eu falo em educação, não me refiro a essa untura só feita de preconceitos que quasi todo o individuo recebe quando creança e que é por assim dizer o seu manual de galanteios para as damas e delicadezas para toda a gente. Não. Refiro-me á educação intellectual, n'uma palavra, ao seu ensino quando novo. E' a ella que me refiro, é a ella que eu apello de verdadeiro cancro social, pois que, baseada em principios falsos, contaminada de vãos preconceitos e eivada de erradas concepções, só serve para atrophiar moral e physicamente o individuo e converte-lo as mais das vezes n'um autómato, n'um fanatico, n'um verdadeiro degenerado, que vae, quando não tolher, pelo menos demorar a marcha da civilisação.

E' a educação que faz tudo e é d'ella que tudo depende. Alicerce principal sobre que acenta a humanidade, é d'ella que depende o bem ou o mal estar da mesma humanidade. E' ella que cria individuos sãos, ou que transforma esses mesmos individuos em verdadeiros monstros que tão perniciosos são e têm sido em todas as epochas como entraves do progresso e inimigos da felicidade universal. Victimas d'uma educação falsa e depravada, são elles monstros que, quando saídos d'uma camada superior infligem aos seus semelhantes torturas d'uma barbaridade atroz, ou que, quando saídos d'uma camada inferior são arrastados ao vicio e ao crime n'uma loucura indomita. E todavia nem uns nem outros são culpados dos seus crimes; determinados por uma educação ruim que receberam, influenciados pelo meio, elles obram por assim dizer inconscientemente, obedecendo simplesmente á educação. Milhares de exemplos o mostram e autenticam a verdade d'estas affirmações. Eram por ventura admissiveis entre nós essas luctas mortaes e bárbaras que se executavam outr'ora em Roma para deleite do povo e do imperador e nos quaes pereciam indubitavelmente um dos luctadores?

Era tolerado actualmente entre nós esse tribunal sangrento e cruel da Inquisição que durante tantos annos atormentou a humanidade e poz dique á expansão do pensamento humano? Incontestavelmente não. Todavia esses actos que nós agora apellidamos de cruezes eram para aquelle tempo a coisa mais natural. Qual o motivo? A educação e só a educação. No primeiro exem-

plo era o contentamento pelo sangue, a paixão da força em que os romanos foram educados, que os levava a extasiarem-se perante laes espectaculos; no segundo foi o odio asqueroso contra os herejes motivado pelo fanatismo religioso em que o povo foi educado, que o levou a supportar durante alguns seculos esse terrivel tribunal.

Se d'ella depende tudo, se ella é por assim dizer o alicerce sobre que acenta a humanidade, é d'ella pois que se deve tratar com todo o cuidado e esmero.

A actual educação intellectual usada entre nós, é sem duvida, uma verdadeira lástima. Desde a escola primaria onde o individuo recebe o seu primeiro ensino até aos cursos superiores onde o completa, os methodos empregados e as theorias adoptadas pecam na sua generalidade. Acolá, com um ensino perfeitamente material, começa o atrophiamto da sua intelligencia; ali, em virtude d'um automatismo continuo, gastando o melhor do seu tempo a decorar theorias que a sciencia moderna já demonstrou serem simples e meros erros, acaba de completar esse atrophiamto. E como o meio fórma o individuo, elle, que durante annos seguidos accumulou no cerebro simples banalidades, elle, que durante annos seguidos foi um atómato, pois que as mais das vezes nem sequer liberdade tem de raciocinar e é unica e exclusivamente obrigado a admitir aquillo que o mestre com a sua infallibilidade característica affirma ser verdade, elle, que durante annos seguidos não fez mais que metter na cabeça sem methodo nem raciocinio theorias falsas e carunchosas, acaba finalmente por se atrophiar e romper. E' isto o que acontece na sua generalidade aos individuos que devem estar á frente do povo para o guiar na sua marcha triumphal pelo caminho da civilisação!

Estes individuos perfeitamente atrophiaados na intelligencia como acima acabei de dizer, fanaticos pelo que aprenderam, acabam por se tornar verdadeiros retrogradados, e, em virtude do ensino recebido, armam-se d'um pessimismo de tal ordem, que para elles tudo que seja avançar, é utopico e illusorio; n'uma palavra, são verdadeiros diques á marcha da civilisação. Ora isto é que não pôde nem deve acontecer para bem d'elles e proveito de todos, e urge fazer desaparecer tão rapidamente como é necessario um mal de tal ordem, e organizar uma educação a par da sciencia moderna, onde as grandes theorias e os grandes problemas sejam discutidos continuamente, e onde o individuo com ampla e plena liberdade de pensar sem estar sujeito a pressão alguma, possa livremente discutir e raciocinar de maneira a não se corromper nem atrophiar a intelligencia.

E' isto o que eu entendo e acho ser razoavel. Para mim a actual educação deficiente em todo o sentido, formando individuos que em virtude da sua corrupção e atrophiamto são dique á marcha da civilisação, é simplesmente um verdadeiro cancro social.

JOSÉ GOMES PAREDES.

BRAZIL

Acha se em Lisboa o sr. Ruy Barbosa, estadista brasileiro. Portanto achamos agora opportuno transcrever aqui o que escreveu ha tempos o importante jornal allemão *Vossische Zeitung*, ácerca do futuro do Brazil:

Embora a Europa não mereça ter da grande attenção ao Brazil e ao seu representante, o sr. Ruy Barbosa, na Conferencia de Haya, principalmente quanto á questão do Tribunal Permanente, é fóra de duvida que a importancia de seu governo e do proprio paiz augmentam consideravelmente perante as outras Republicas sul-americanas, justamente graças á attitudie assumida pelo sr. Ruy Barbosa, que diminuiu a auctoridade dos Estados-Unidos e das outras potencias europeias.

Em todo o caso, o governo brasileiro é considerado pelos pequenos Estados sul-americanos, como seu salvador contra os appetites das grandes potencias. Este successo invejavel do Brazil, com certeza aproveitará á sua politica, mostrando que será erroneo duvidar da intelligencia politica da sua classe governante.

Quem fallar do atrazo d'esse paiz esquece que o Brazil tem um territorio de 8 milhões de kilometros quadrados, isto é: cerca de quinze vezes mais do que o Imperio allemão, e que a população d'esse colossal territorio é de 20 milhões de almas, isto é: uma terça parte da população da Alemanha.

Que, n'uma extensão de territorio tão grande com uma densidade de população tão pequena, a acção governativa e a justiça sejam muito mais difficéis e morosas do que n'um paiz pequeno de grande densidade de população é muito natural.

Além d'isso, a grande autonomia dos 21 Estados, que, devido a ciúmes reciprocos, muitas vezes, provocam grandes difficuldades economicas, criam ao governo Federal serios embaraços.

Apezar d'esses escolhos que estão na ordem das causas, o Brazil faz dia a dia progressos em todos os ramos da actividade humana.

O commercio exterior do Brazil au-

gmenta desde 1902, de anno em anno. O excesso de exportação no anno passado importou em cerca de 20 milhões de libras. A industria nacional tem progredido bastante, principalmente a do tecidos.

As grandes oscillações de cambio cessaram, desde a fundação da Caixa de Conversão, em fins de 1906, tendo-se mantido quasi que inalteravel a taxa de 16 d. A capital do Brazil, n'esses ultimos quatro annos, passou por uma reforma tão radical, que alguns habitantes velhos encontram difficuldade para se orientar na cidade.

Miseria em Espinho

Dizem d'ali em data de 17:

E' enorme, como talvez nunca houvesse, a miseria que está soffrendo a classe piscatoria, que tem todos os seus trabalhos de pesca completamente paralisados, devido ao inverno constante que tem feito. Ha casas que nem dez teem para pão. Uma verdadeira desgraça. E o mar na sua faina destruidora continúa a deixar sem abrigo innumeradas familias pobres, sem que os poderes publicos, nem tão pouco as corporações locais, se dignem lançar os seus olhos misericordiosos para tão lamentavel fatalidade.

Urge fazer alguma coisa em beneficio d'esta terra. Que todos, abatidas por um momento as differentes bandeiras e quaesquer rivalidades pessoais, se compenstrem dos seus deveres e façam alguma coisa de util, é o que convém aos interesses d'esta localidade, que quer progredir e tem jus a caminhar para a frente.

CONSELHO

Ao prior a linda Anninha, Perguntava se é peccado, Vindo da fonte á noitinha Fallar com o namorado.

O prior que ha pouco a vira, Sem que buscasse o ensejo, Junto da fonte e que ouvira O doce estalar de um beijo,

Diz: «Fallar não é peccado: Mas tenha—nunca se esqueça— Quando falle ao namorado A bilha cheia á cabeça.»

CONDE DE SABUGOSA.

POVO DE AVEIRO

Vende-se nas seguintes localidades:

LISBOA

Tabacaria Monaco, ao Rocio. Tabacaria Silva, rua D. Carlos I. 102-104. Tabacaria Filismino Paulo, rua da Prata, 205-207. Rua Nova do Almada, 46 (junto á drogaria Falcão). Havaneza de Alcantara, Mercado d'Alcantara n.º 6. Tabacaria Inglesa, Praça do Dugue da Terceira, 18. Antonio Fernandes, R. Nova do Almada, 46. Kiosque Elegante, Rocio.

ALCOBAÇA

Antonio Vazão.

COIMBRA

Tabacaria Central, rua Ferreira Borges 27.

ESPECTACULOS

**Animatographo.**—Tem continuado a dar sessões no campo do Rocio o Animatographo Paté. O publico sahe de lá satisfeito, motivo porque tem agradado.

**Salão d'ensalo da banda dos bombeiros.**—Já dêram 3 espectaculos no elegante salão, transformado em theatro, da banda dos voluntarios, a *troupe* que no domingo aqui annunciámos. Com quanto não seja novidade os seus trabalhos, ainda assim agradaram.

A concorrência tem sido mais que regular.

Quereis fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Comprae a bicyclete—A OSMOND.

direitos, como ainda se lhe negam, vae muita differença. Ora é evidente que outra coisa se não faz quando se recebem a rir, a troçar, a chacotear todas as noticias de tentativas ou esforços no sentido da justa autonomia da mulher.

E assim por deante.

Essa obra de descredito, essa obra de troça, essa obra de lachacha, de pessimismo, e de pessimismo brejeiro, é a obra constante de Camacho. Obra de reacção e não obra de liberdade. Obra de rotina e não obra de progresso. Obra de estupidez e não obra de intelligencia.

Em que, e como, mostra a sua intelligencia um homem que, dizendo-se democrata, procede de tal ordem? Ainda poderíamos comprehender que assistisse n'esse processo alguma intelligencia a um reaccionario. Mas a um democrata? Mas áquelle que, embora não sendo democrata, se diga democrata?

Só sendo elle tão perfido que só se embrulhe na capa da democracia para ferir mais fundo, commettendo uma verdadeira obra de traição, os principios democratas.

Seja como fôr, por todos os lados se vê quanto é grande o desastre da democracia em Portugal.

Até os homens que eram anarchistas, João de Menezes e Camacho, e que fundaram um jornal que surgiu como uma esperanza, acabaram por fazer todos os dias obra reaccionaria, e assustadoramente, e terrivelmente reaccionaria.

Mas vivem! Mas, porque sentem que vivem tanto melhor quanto mais forem reaccionarios, é que elles, dia a dia, se tornam mais reaccionarios.

Vivem. O burguez gosta d'aquillo. Camacho dá-lhes pographias e isso basta para engrandecer o jornal. Camacho diz-lhes d'estas:

«Entre amigas.

—Eu gostava de montar todos os dias. E tu?

—Eu? Antes pelo contrario...

O burguez republicano lê aquillo e escangalha a rir. Mostra á mulher e ás filhas e a mulher e as filhas escangalham a rir. N'esse dia apparece á meza *cábrito macho á Camacho* em honra de Camacho que fez escangalhar a rir toda a familia.

Vivem. O burguez republicano gosta d'aquillo.

Fosse um jornalista honesto, disposto a fazer obra honesta, obra de orientação, de educação, de verdade, pedir dinheiro ao burguez republicano para fazer um jornal que tivesse por unica norma defender os mais largos principios democraticos, e veria como era corrido a pau.

E depois queixam-se.

Ah bom João Franco, que tu é que os conheces!

Dá-lhes para baixo. Talvez que elles apprendam á força de... serem montados.

Como as amigas... do nosso amigo Brito Camacho!

Quereis subir todas as rampas sem vos fatigardes? Comprae a bicyclete,

A "OSMOND,"

**FÁBRICA DOS SANTOS MARTYRES**

DE  
**CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.<sup>a</sup>**

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, fanellos e alimpaduras.  
Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

**ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA  
AVEIRO**

**METHODO JOAO DE DEUS**

**LEITURA**

- Primeira parte—**Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**—18.<sup>a</sup> ed., cart. 200 réis, broch. 150
- Album**, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 5,000
- Quadros Parletas**, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 6,000
- Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—1.<sup>a</sup> ed., cart., 200 réis, broch. 150
- Guia práctico e teórico da Cartilha Maternal**—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos..... 150

**ESCRIPTA**

- Arte de Escripção**—cada caderno, . . . . . 30
- Livros de polémica sobre o Methodo**
- A Cartilha Maternal e o Apostolado**..... 500
- A Cartilha Maternal e a Crítica**..... 500
- Do mesmo auctor:

**LITTERATURA**

- Campo de Flores**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.<sup>a</sup> ed., (esgotado), 700
- Prosas**—Coordenadas por Theophilo Braga . . . . . 800

**DEPOSITO GERAL**

**Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.<sup>o</sup>—LISBOA**  
Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

**DESCONTOS**

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/10.
- Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/10.
- Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/10.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.<sup>o</sup> (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**

**E FERRAGENS**  
—DE—

**ANTONIO FERREIRA FELIX,**  
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, cliaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

**MODICIDADE DE PREÇOS**

**RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO**

**MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES**

DE  
**Antonio da Costa Junior**

Fabrieante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás saunhas. Adóbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejas de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.  
Modicidade de preços.

**AVEIRO—PREZA**

**HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO**

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despesas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolven tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um corretor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisem de alojamentos ou quaesquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

**Feltos quasi de graça só na Oficina de alfaiate**

do  
**ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO**  
RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

**Cobrança de pequenas dividas**

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas, Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictatorias de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officiaes inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E' a unica edição annotada, e o seu preço é de 120 réis.

Os exemplares serão promptamente remetidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importancia, em estampilhas.

A' venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

**POVO DE AVEIRO**  
—BO—  
TYPOGRAPHIA

Accaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições Typographicas, uma variedade de tipos de phantasias, proprios para obras de luxo. En-tregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

**Especialidade em cartões de visita**

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**

—DE—

**Albino Pinto de Miranda**

(LARGO DE MANUEL MARIA)

**AVEIRO**

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

**Pechinchas para liquidar:**

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**

SANGALHOS

**V**ENDEM e trocam relógios de bolso e de sala.  
Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUILTYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

**Alugam-se bicycletas**

José Maria Simões & Filhos

**ANADIA—SANGALHOS**

**MACHINAS "PFAFF,"**

—E—

**BICYCLETES OSMOND**

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, anexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

**Aveiro, Largo do Espirito Santo**

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem.  
Toda a correspondencia deve ser dirigida a

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

**JOSÉ AUGUSTO REBELLO**

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.